



Vendo Sua Inocência, Eu Vejo Minha¹

Inocência Seeing His Innocence, I See My Innocence

David John Tombs²

Rocío Figueroa Alvear³

Resumo: Este artigo apresenta descobertas de entrevistas qualitativas (realizadas em 2019) com um pequeno grupo (n = 5) de mulheres adultas sobreviventes de abuso sexual da Argentina, França, Alemanha, Peru e Filipinas. As mulheres são, em sua maioria, freiras (n = 1) ou ex-freiras (n = 4), que sofreram abusos durante o tempo em que estiveram em ordens religiosas (n = 3) ou quando eram menores de idade (n = 2). Antes da entrevista, foi solicitado que lessem o artigo de Tombs, '*Crucificação e abuso sexual*' (2019). A entrevista explorou suas respostas à identificação de Jesus como vítima de abuso sexual, com atenção especial a: (1) se elas já haviam relacionado previamente seu sofrimento ao sofrimento de Cristo; (2) se a leitura do artigo era nova para elas e se a acharam convincente; (3) o que isso poderia significar para elas como sobreviventes; e (4) que importância viam nisso para a igreja em geral. A maioria das participantes sentiu que a experiência de Jesus poderia ter um valor positivo para os sobreviventes, e todas acreditaram que era importante para a igreja como um todo. A inocência de Jesus foi identificada como um importante contraponto à autoinculpação ou à culpabilização da vítima por parte de outros. Como disse uma participante: "*Ao ver Sua inocência, vejo inocência*".

Palavras-chave: Abuso sexual; Freiras; Crucificação.

Abstract: This article presents findings from qualitative interviews (undertaken during 2019) with a small group (n = 5) of adult women survivors of sexual abuse from Argentina, France, Germany, Peru, and the Philippines. The women are all either nuns (n = 1) or former nuns (n = 4), who experienced abuse during their time in religious orders (n = 3), or when they were minors (n = 2). In advance of the interview, they were asked to read Tombs, '*Crucificação e abuso sexual*' (2019). The interview then explored their responses to the naming of Jesus as a victim of sexual abuse, with particular attention to (1) whether they had previously viewed their suffering in relation to Christ's suffering; (2) whether the reading in the article was new to them, and whether they found it persuasive; (3) what it might mean for them as survivors; and (4) what importance they saw it as having for the wider church. Most participants felt that Jesus' experience could have positive value for survivors, and they all believed it was important for the wider church. The innocence of Jesus was identified as an important counter to self-blame or victim-blaming by others. As one participant said, '*Seeing His innocence, I see innocence*'.

Keywords: Sexual abuse; Nuns; Crucifixion.

¹ Este artigo foi recebido em 22 de junho de 2022 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 26 de julho de 2024.

² Doutor. Professor Titular da Cátedra Howard Paterson de Teologia e Questões Públicas na Universidade de Otago, Aotearoa, Nova Zelândia. E-mail: david.tombs@otago.ac.nz.

³ Doutor em Teologia. Professor de Teologia no Te Kupenga Catholic Theological College, Auckland, Nova Zelândia. E-mail: r.figueroa@ctc.ac.nz.



Explorando as respostas a Jesus como vítima de abuso sexual

O artigo ‘Crucificação, Terror de Estado e Abuso Sexual’ (1999) baseou-se na hermenêutica liberacionista latino-americana para uma leitura de textos bíblicos com atenção tanto ao contexto passado como ao contexto presente.⁴ Como uma nova leitura da crucificação, ele se concentrou em apresentar evidências textuais e contextuais para reconhecer Jesus como uma vítima de abuso sexual. É somente em suas páginas finais que as implicações teológicas e pastorais desse reconhecimento são abordadas.⁵ Com base na parábola do julgamento (Mt 25.31–46), afirma a conexão cristológica entre o sofrimento do Cristo nu e o sofrimento daquelas pessoas que são torturadas e abusadas. Essa conexão pode oferecer uma abordagem libertadora e curativa para aquelas pessoas que continuam a lutar contra o estigma e outras consequências do abuso sexual.

Este artigo centra-se na forma como essa resposta pastoral pode ser desenvolvida mais a fundo, em resposta às sugestões das pessoas sobreviventes.⁶ Oferece descobertas de entrevistas qualitativas realizadas durante 2019 para explorar respostas à nomeação de Jesus como vítima de abuso sexual. As participantes são cinco mulheres sobreviventes de abuso sexual, que vivem na Argentina, França, Alemanha, Peru e Filipinas. Quatro entrevistadas são ex-freiras, e a quinta é, atualmente, uma freira.⁷ Elas são chamadas aqui pelos pseudônimos Dina (Alemanha), Franca

⁴ TOMBS, David John. Crucificação e abuso sexual. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 1, p. 119-132, 2019. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/338/284>. Veja também: ANJOS, Márvio dos. Corpo, cruz e abuso. *Folha de São Paulo*. 10 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/04/jesus-sofreu-abuso-sexual-antes-de-ser-crucificado-defende-teologo.shtml>.

⁵ TOMBS, 2019, p. 130-131.

⁶ Em 2018, entrevistamos 8 vítimas masculinas de abuso sexual ligadas a Sodalicio para um estudo semelhante anterior; ver: TOMBS, David John; ALVEAR, Rocío Figueroa. *Reconociendo a Jesús como víctima de abuso sexual*: respuestas de sobrevivientes del Sodalicio en el Perú. Dunedin: Centro de Teología y Asuntos Públicos; Universidad de Otago, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10523/9222>. Ver também: TOMBS, David John; ALVEAR, Rocío Figueroa. *Escuchando a sobrevivientes masculinos de abuso sexual en la Iglesia*: Voces de sobrevivientes de abusos del Sodalicio en el Perú. Dunedin: Centro de Teología y Asuntos Públicos; Universidad de Otago, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10523/7053>.

⁷ Neste contexto, o termo ‘freira’ é usado para abreviar os termos irmãs religiosas e mulheres consagradas que pertencem (ou pertenceram anteriormente) a ordens católicas romanas, congregações ou novas comunidades religiosas. Tecnicamente, o termo ‘freira’ se refere a mulheres pertencentes a ordens fechadas, mas o usamos de forma um pouco mais inclusiva, estendendo-o a todas as ordens. O denominador comum neste sentido mais

(França), Lilian (Filipinas), Lucia (Argentina) e Maria (Peru). As participantes discutem suas respostas com atenção particular à diferença que faz ver Jesus dessa forma para elas pessoalmente como sobreviventes, e a diferença que elas acreditam que isso pode fazer para a Igreja de maneira mais ampla.

Claro, a experiência de Jesus com a crucificação não deve ser vista apenas em termos de abuso sexual ou violência sexual. Havia mais na crucificação do que isso. Reconhecer elementos sexualmente abusivos nas crucificações romanas e nomeá-los adequadamente pelo que eram não é limitar a compreensão da crucificação de Jesus de forma alguma. Em vez disso, é garantir que o abuso sexual como um elemento historicamente importante seja incluído na compreensão geral da Paixão.⁸

Em 2019, o abuso sexual de freiras na Igreja atraiu a atenção global, e queríamos saber mais sobre suas experiências.⁹ Não pode mais haver dúvidas de que uma forte resposta pastoral e teológica ao abuso sexual e à violência sexual em suas múltiplas formas é necessária. Para essa resposta ser adequada, ela precisará ser corajosa e honesta. Ela deve estar disposta a confrontar questões difíceis, estigmas e tabus, e não recair em chavões ou abstrações. As igrejas precisam de um senso claro do problema e de uma compreensão de como seus legados continuam a afetar as vidas das pessoas sobreviventes muito depois do abuso em si.

Os impactos indiretos do abuso, assim como os danos diretos frequentemente mais óbvios, também precisam ser considerados. Os impactos indiretos incluem a culpabilização da vítima e o estigma. Estes são chamados de “vitimização secundária”.¹⁰ Muitas pessoas sobreviventes relatam

inclusivo é que todas elas fizeram os votos de celibato, pobreza e obediência dentro de uma comunidade religiosa. A menos que indicado de outra forma, usamos o termo freira para todas as cinco mulheres.

⁸ HEATH, Elaine A. *We Were the Least of These: Reading the Bible with Survivors of Sexual Abuse*. Grand Rapids: Brazos, 2011; GAFNEY, Wil. Crucifixion and Sexual Violence. *HuffPost*. 28 mar. 2013; TRAINOR, Michael. *The Body of Jesus and Sexual Abuse: How the Gospel Passion Narrative Informs a Pastoral Approach*. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2014; REAVES, Jayme R.; TOMBS, David. #MeToo Jesus: Naming Jesus as a Victim of Sexual Abuse. *International Journal for Public Theology*, v. 13, n. 4, p. 387-412, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/15697320-12341588>.

⁹ ASSOCIATED PRESS. Pope acknowledges scandal of priests sexually abusing nuns. *The Guardian*. 5 fev. 2019. Disponível em: www.theguardian.com/world/2019/feb/05/pope-francis-acknowledges-scandal-of-priests-sexually-abusing-nuns. See also: LEMBO, Makatamine. *Relations Pastorales Saines et Matures entre Femmes Consacrées et Prêtres: Un Analyse Qualitative de cas d’abus de femmes consacrées par des prêtres*. Rome: Gregorian Pontifical University, 2019.

¹⁰ Veja: WILLIAMS, Joyce E.; HOLMES, Karen A. *The Second Assault: Rape and Public Attitudes*. Westport: Greenwood Press, 1981; WILLIAMS, Joyce E. Secondary Victimization: Confronting Public Attitudes about Rape. *Victimology*, v. 9, p. 66-81, 1984.



que são deixadas para carregar esses fardos adicionais com pouca ajuda ou apoio das igrejas. Na verdade, em muitos casos, as igrejas podem reforçar o estigma e as atitudes de culpabilização da vítima que, por sua vez, aumentam os problemas enfrentados pelas pessoas sobreviventes e contribuem para o isolamento e o abandono.

Sugerimos que a atenção à inocência de Jesus pode desafiar a culpabilização da vítima que as sobreviventes frequentemente enfrentam na Igreja de maneira geral. Uma das respostas mais marcantes das pessoas participantes foi o significado da inocência de Jesus. Nas palavras de Maria, “[...] o mais bonito é que Jesus era inocente” porque “Vendo sua inocência, vejo minha inocência”. Não havíamos previsto essa resposta em particular, mas ela mostra como as sobreviventes podem encontrar valor em reconhecer Jesus como vítima de abuso sexual de maneiras criativas e até inesperadas. Para algumas sobreviventes, uma identificação com a inocência de Jesus pode ajudar a resistir a pressões sociais e psicológicas destrutivas de autojulgamento ou auto culpabilização. Para a Igreja no sentido amplo, esse reconhecimento pode oferecer uma visão sobre a prevalência da culpabilização da vítima e dos julgamentos negativos.¹¹ As entrevistas encorajam a convicção de que o reconhecimento de Jesus como vítima de abuso sexual desempenha um papel positivo. No entanto, identificar-se com o sofrimento de Jesus não deve ser visto como uma solução simples ou direta. Ela traz riscos de mal-entendidos e apropriação indevida e precisará de expressão cuidadosa se quiser fazer uma contribuição construtiva para a resposta da Igreja ao abuso sexual.

Resultados das entrevistas

Após receber a aprovação ética, conduzimos entrevistas individuais estruturadas com nossas cinco participantes.¹² As cinco participantes agora têm entre 35 e 70 anos, mas o abuso sexual ocorreu quando as pessoas participantes eram jovens adultas ou menores. Três delas foram abusadas quando jovens adultas durante sua vida religiosa por padres, e as outras duas sofreram abuso sexual infantil por parentes. Os incidentes de abuso divulgados variaram de abuso sexual penetrativo (quatro participantes) a toque sexual não penetrativo (todas as participantes). Somos muito gratos a todas as participantes por sua disposição em serem entrevistadas. Elas foram

¹¹ REAVES; TOMBS, 2019, p. 407–411.

¹² Universidade de Otago Comitê de Ética Humana, aprovado dia 13 de setembro 2019, referência 19–112. Somos gratos à Dra. Tess Patterson, Departamento de Medicina Psicológico, Universidade de Otago por ser nossa consultora no projeto.



generosas em sua prontidão para refletir sobre nossas perguntas e compartilhar seus pensamentos conosco e com um público mais amplo.

Antes da entrevista, as participantes concordaram em ler sobre o abuso sexual na crucificação de Jesus. A leitura foi uma versão resumida do artigo ‘Crucificação, Terror de Estado e Abuso Sexual’, que havia sido encurtado em 2019 para publicação no periódico teológico brasileiro *Estudos Teológicos*.¹³ A versão resumida, intitulada ‘Crucificação e Abuso Sexual’, foi fornecida às participantes em inglês, francês, alemão ou espanhol. As participantes foram convidadas a se preparar para a entrevista lendo este trabalho ou, alternativamente, lendo um resumo de duas páginas, que foi fornecido junto com ele.

Cada entrevista individual, geralmente, durava cerca de 40 minutos. A maioria foi realizada através do *Skype*, mas uma das entrevistas foi escrita.¹⁴ As entrevistas buscaram informações sobre o impacto da vocação e da fé na resposta das participantes ao abuso sexual em geral, bem como suas respostas mais específicas ao ver Jesus como uma vítima de abuso sexual. No entanto, para maior concisão, apenas as perguntas relacionadas a Jesus como uma vítima de abuso sexual são apresentadas aqui. As perguntas sobre as respostas das participantes a Jesus como vítima foram agrupadas em quatro tópicos:

1. Se a participante já havia visto seu abuso à luz do sofrimento de Jesus.
2. Se a leitura sobre crucificação e abuso sexual era nova para elas, e se a consideravam persuasiva.
3. O significado (se houver) que entender Jesus como uma vítima teve para elas.
4. Suas opiniões sobre o significado disso para a Igreja de maneira mais ampla.

¹³ TOMBS, 2019. A versão resumida foi escrita em inglês, depois publicada em português e depois traduzida para espanhol, francês e alemão para facilitar as entrevistas, e publicada sob Creative Commons como: TOMBS, David. *Crucifixion and Sexual Abuse*. Dunedin: Centre for Theology and Public Issues; University of Otago, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10523/9834> (English); Disponível em: <http://hdl.handle.net/10523/9843> (Spanish); Disponível em: <http://hdl.handle.net/10523/9846> (French); Disponível em: <http://hdl.handle.net/10523/9924> (German).

¹⁴ As entrevistas do *Skype* foram gravadas em um sistema de áudio digital. As transcrições das entrevistas foram anonimizadas e os pseudônimos foram atribuídos para manter a confidencialidade das cinco participantes. As entrevistas foram então traduzidas para o inglês.



Identificação prévia com o sofrimento de Jesus

Esta área de perguntas abordou se havia qualquer conexão anterior que as participantes tivessem feito com o sofrimento de Jesus antes de sua participação em nosso projeto. Apenas uma participante, Franca, não havia feito nenhuma conexão entre seu próprio sofrimento e o de Jesus. Ela disse:

Durante o período de abuso, não fiz nenhuma conexão entre os sofrimentos de Jesus e minhas próprias experiências. E, quando comecei a me libertar dos meus abusadores, passei por um longo período (15 anos) de rejeição do mistério da Encarnação e da pessoa de Jesus, porque fui abusada em nome de Jesus.

As outras quatro participantes fizeram alguma forma de conexão pessoal entre seu abuso e o sofrimento de Jesus, mas elas diferiam em como viam isso. Para duas das participantes (Maria e Lillian), a conexão com o sofrimento de Jesus foi positiva e útil, para uma (Dina) foi mista, e para uma (Lucia) foi negativa a pessoa de Jesus, porque ela tinha sido abusada em nome de Jesus.

Maria havia colocado seu sofrimento ao lado do sofrimento de Jesus. Sua resposta mostra o efeito poderoso que a inocência de Jesus como vítima pode ter. Sua inocência havia reforçado seu próprio senso de inocência e a ajudou a resistir a sentimentos de vergonha e culpa:

Uma coisa positiva que me ajudou no processo de cura foi a Cruz de Cristo. A ideia de um Jesus inocente sofrendo por nós me ajudou a entender que eu era inocente. Eu sentia culpa e vergonha. Eu me sentia impotente. Colocar minha experiência ao lado da experiência de Jesus me ajudou a assimilá-la em minha vida.

Para Lillian, embora a imagem de Jesus como vítima de abuso sexual não fornecesse uma resposta à questão do porquê ela sofria, a sensação de Jesus estar com ela no sofrimento lhe trouxera grande conforto. Como Maria, ela viu um significado particular em sua inocência:

Eu vi como Jesus foi maltratado, sendo inocente, e o que ele sofreu durante sua vida. Jesus foi chicoteado; cuspiram nele; usaram palavras muito abusivas e abusaram dele como pessoa e o insultaram; o humilharam. Jesus é uma pessoa inocente.

Eu fiz a pergunta por que eu? Por que isso aconteceu comigo? A resposta que me veio foi a imagem da crucificação. Deus chora por mim; Deus também sofre comigo. Para mim, isso é um grande consolo.

A resposta de Dina foi mais mista. Ela identificou o sofrimento de Jesus com o seu próprio sofrimento, mas não achou a resposta de Jesus útil. Ela deu sua resposta como ‘Sim’ e ‘Não’. Por um lado, o sofrimento de Jesus estava muito presente na espiritualidade de sua comunidade. Isso tornou fácil identificar seu próprio sofrimento com o sofrimento de Jesus. No entanto, por outro

lado, havia diferenças que criavam dificuldades. O sofrimento de Jesus foi visto como heroico, e ele foi visto como alguém que o aceitou e sofreu em silêncio. Isso sugeriu que Dina também deveria sofrer em silêncio. Ela disse: “O único sentimento que eu poderia permitir era enterrá-lo e não reclamar”. Dina também relutou com Mateus 5.39, em que Jesus chama os seguidores a dar a outra face. Embora isso fizesse sentido para ela como uma resposta a um golpe na bochecha, isso significava que Jesus esperava que você permitisse que alguém a estuprasse novamente? Ela disse:

Ele nunca diria isso. Então, isso me fez pensar: qual é a diferença entre bater na bochecha e abuso sexual? De alguma forma, acho que não é certo ficar em silêncio, mas não consegui encontrar nenhum encorajamento de Jesus para me ajudar a falar e me defender. Pelo menos eu entendi o sofrimento de Jesus, e eu também sofri, então, em certo sentido, ele estava perto de mim, mas seu sofrimento era tão diferente do meu. Ao mesmo tempo, minha identificação com Jesus ajudou os abusadores a me manterem em silêncio.

Lúcia também identificou uma ligação com o sofrimento de Jesus, mas não viu isso como útil, pelo menos não na época:

Cada vez, durante meu tempo como freira, quando sofri algo doloroso, ou o abuso em si, pensei que Jesus sofreu pior do que eu, e eu tive que oferecer meu próprio sofrimento sem reclamar tanto... Você não podia reclamar porque pedimos a Deus para sofrer nesta vida e viver no purgatório, então era bom que essas coisas estivessem acontecendo.

Tanto Lúcia quanto Dina sentiam que se sofressem como Jesus sofreu, isso significava que elas não deveriam reclamar. Esperava-se que elas carregassem o sofrimento da mesma forma que Jesus carregou sua cruz. Em vez de ser útil, o sofrimento de Jesus funcionou para silenciá-las como vítimas e suprimir seus gritos de ajuda.

Resposta à leitura

A segunda área de questionamento foi a resposta delas à leitura, e quão plausível elas acharam a sugestão de que Jesus foi vítima de abuso sexual histórico. Suas respostas a essa pergunta tinham muito em comum. Era uma leitura nova para a maioria, com exceção de Franca, que a havia encontrado alguns meses antes. Além disso, todas elas a acharam persuasiva, e sentiram que ela lhes permitiu entender o sofrimento de Jesus de uma forma mais completa.

Lucia disse: “Eu acredito que [a ideia] é persuasiva [...] Eu nunca tinha pensado sobre isso e realmente me tocou”. De forma semelhante, Lilian disse que [a ideia] era nova e persuasiva: “Eu acho que o único tipo de abuso que eu conhecia era aquele pelo qual passei e quando eu pensava



em Jesus eu só pensava nos insultos e na crucificação. A ideia de Jesus como vítima de abuso sexual é bastante persuasiva”.

Maria também disse que era uma leitura ou uma ideia nova e persuasiva, e explica: “Sinceramente, eu senti como: ‘faz sentido’. Em um nível intelectual, eu pensei que fazia sentido porque essas coisas acontecem. Por que eu não pensei nisso antes? Quando as pessoas são humilhadas em uma crucificação ou em uma tortura desse tipo, a vergonha e o abuso sexual acontecem”.

Dina também viu essa ideia como convincente. Ela também comentou sobre a estranheza de ninguém ter pensado nisso antes: “É muito claro que o despojamento de um prisioneiro antes da execução era uma humilhação e a sexualidade estava envolvida. Minha primeira reação é que é uma ideia muito interessante, de alguma forma faz sentido e ninguém pensou nisso”.

A participante que já tinha ouvido falar que Jesus havia sido vítima de abuso sexual foi Franca. Poucos meses antes da entrevista, ela tinha escutado a ideia ao ouvir uma palestra na internet. Franca explicou que em Mateus 27, quando Jesus é entregue aos soldados, é dito que eles ‘zombaram dele’ (versículo 29). ‘Zombaram’ é a expressão usada em Juízes 19, para se referir ao estupro da concubina.

Para Mateus, Jesus é entregue aos soldados e eles o despojam de suas roupas, mesmo que não esteja explicitamente declarado, há uma espécie de estupro na paixão de Cristo. ... Quando você joga uma pessoa, homem ou mulher, no meio de uma gangue sem responsabilidade, quem sabe o que pode acontecer? Acho que a paixão de Cristo ecoa muitas histórias de sofrimento.

Para todas as participantes, a evidência histórica e a ideia de Jesus como vítima de abuso sexual faziam sentido e eram claramente persuasivas. Elas não viam o abuso sexual como algo que trazia uma perspectiva externa forçada ou falsa sobre sua experiência. Em vez disso, elas viam isso como algo que ajudava a reconhecer e nomear a experiência de Jesus pelo que ela era. Maria registrou sua surpresa por não ter pensado nisso antes. Dina comentou sobre o quão estranho é que isso não seja mais amplamente reconhecido ou discutido, e viu isso como resultado de uma cultura de culpabilização da vítima:

É tão estranho que Jesus não tenha sido considerado uma vítima de abuso sexual: eu acho que é porque temos toda essa cultura de culpabilização da vítima e a ideia de que as vítimas de abuso sexual realmente fizeram algo para provocá-lo. Retratar Jesus como uma vítima de abuso sexual deixa completamente claro que uma vítima é inocente.

Em termos de resposta emocional ao artigo, Lucia e Franca relataram que pensar em Jesus como vítima de abuso sexual provocou fortes emoções. Lucia disse: “Senti a mesma emoção de quando assistia a filmes sobre sua paixão: um sentimento de impotência, uma raiva (*‘bronca’*) de que Jesus sofreu daquele jeito”. Franca disse: “Jesus viveu o abuso sexual de tantas crianças, tantos homens, tantas mulheres, incluindo aquelas que dizem ser suas discípulas. Isso é um grande conforto para mim, uma grande consolação”. Dina falou sobre seu desejo de saber mais: “Também vejo Jesus e os Evangelhos como um objeto de estudo e pesquisa”. Lilian descreveu uma mudança em seus sentimentos: “Primeiro, tive um sentimento de resistência. Senti que o abuso de Jesus era diferente do meu. Mas depois considerei que os sentimentos eram os mesmos: sentir-se humilhado e as pessoas olhando para ele”.

Maria falou de suas emoções conflitantes. Por um lado, ela sentiu que isso fortaleceu o vínculo entre seu próprio sofrimento e o de Cristo, e diz: “Eu me identifiquei mais com Cristo”. Se Jesus sofreu abuso sexual, ela sentiu que ele poderia se identificar melhor com essa experiência humana. Por outro lado, no entanto, isso também foi perturbador. Isso criou um conflito para Maria porque ela reconheceu isso como uma experiência desumanizante:

Eu não queria que ninguém passasse por uma experiência como essa. Eu não gostaria que ele passasse por algo assim porque é horrível [ela chora]. O abuso priva você de sua própria humanidade e de sua própria dignidade. É humilhante e é horrível. Fisicamente é horrível. É psicologicamente e espiritualmente muito doloroso.

Durante as entrevistas, Lucia, Maria, Franca e Lilian tiveram uma forte empatia por Jesus como vítima de abuso sexual. Elas expressaram preocupação compassiva pelo que havia acontecido com ele.¹⁵ Lucia falou de sua raiva por Jesus ter sofrido dessa forma. Franca falou de Jesus como presente no sofrimento das outras pessoas, não apenas no seu próprio sofrimento: “Jesus viveu o abuso sexual de tantas crianças, tantos homens, tantas mulheres, incluindo aquelas que dizem ser suas discípulas”. Maria disse que achava difícil se relacionar com o poder de Deus. Em contraste, ela sentia uma conexão mais próxima com o sofrimento de Cristo: “Mas um Cristo que sofreu, que

¹⁵ As mulheres foram muito mais explícitas em expressar preocupação por Jesus do que as pessoas participantes do estudo anterior. Essa diferença pode, no entanto, ser porque as perguntas da entrevista no estudo anterior não se concentraram da mesma forma na resposta emocional.



foi humilhado me faz sentir que Ele está mais conectado comigo. Nós vivemos as mesmas coisas. Ele entende o que eu passei. E eu entendo um pouco do que ele viveu”.

Pensar em Jesus como uma vítima de abuso sexual deu a ela uma nova percepção sobre seu sofrimento e sua humanidade. “O abuso desumaniza. Alguém rouba sua humanidade e a autonomia que você tem sobre seu próprio corpo, sobre si mesma [...] Conhecer esse lado do sofrimento de Cristo foi um alívio [...] Jesus não renunciou apenas a sua divindade, mas também a sua própria humanidade [...]”.

Maria disse que era mais fácil para ela ter um relacionamento com Cristo quando ela o entendia dessa maneira.

Avaliação do seu valor para as participantes

A terceira área de questionamento foi sobre se as participantes sentiram que a ideia foi útil ou inútil para elas. Três participantes (Franca, Lilian e Maria) disseram que reconhecer esse aspecto da experiência de Jesus foi útil para elas. Franca explicou o valor positivo que viu nisso:

Sim, esse pensamento é uma ajuda, um conforto, uma fonte de consolo para mim. Isso não desvaloriza de forma alguma minha própria experiência dolorosa, muito pelo contrário [...]

Saber que Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho do Homem, realmente foi o portador de todos os nossos sofrimentos e todas as nossas doenças, mesmo na área íntima e quase indizível da sexualidade, torna-se, a meu ver, uma fonte de conforto para as vítimas de abuso — especialmente para aquelas que foram abusadas por padres e religiosos.

Franca também sugeriu que “[...] também poderia, talvez, ajudar as vítimas que ainda sofrem em silêncio, a falar. Pode ajudá-las a perceber que não são culpadas”. Lilian também viu isso como positivo: “Suponho que quando você sabe que alguém passou pela mesma dor que você passou, é um tipo de força que você ganha, sabendo que Jesus sofreu. Você tem uma razão para viver. Você tem uma razão para se levantar”.

Maria disse que isso a ajudou a se ver de uma nova maneira. Em um nível, ela já sabia de sua própria inocência, mas há momentos em que ela é perturbada por dúvidas e uma tentação de se auto culpar: “Apesar de dizer a mim mesma ‘Você não é culpada’, uma parte de mim, no meu íntimo, mantém minha culpa e me leva a me acusar, ‘Você poderia ter feito algo para evitar o abuso’”.

Ela descobriu que a leitura do artigo lhe deu segurança sobre isso. Ela explica:

E então eu tenho a experiência e o conhecimento de que Jesus era inocente. Isso torna mais fácil acreditar que eu sou inocente. Foi um começo. Ler isso foi como um alívio. Não é apenas em um nível teórico. Há um nível emocional que me ajuda a entrar no meu coração. Eu amo Jesus. Eu não o culpo. Eu não digo a ele: 'Você tinha que fazer algo. Você poderia ter evitado'. Vendo sua inocência, eu vejo minha inocência.

Embora Maria tenha visto isso como útil pessoalmente, ela reconheceu que outras pessoas sobreviventes podem não achar isso útil. Algumas podem não sentir que Jesus experimentou o mesmo que elas experimentaram, porque o abuso foi diferente para elas. No entanto, falando por si mesma, Maria sentiu uma forte conexão:

Fui estuprada e minha reação é que sinto a solidariedade de Jesus e sinto solidariedade por ele, e isso é bom. Espiritualmente, sinto que conheço melhor Jesus, que entendo mais Jesus. Sinto que ele pode caminhar mais perto de mim porque ele sabe o que passei. Sinceramente, não me importa até que ponto ele foi abusado porque é suficiente para mim que ele tenha passado por algum abuso e ele possa entender. É assim que me sinto. Para alguém que sofreu abuso, é uma maneira positiva e profunda de interpretar sua própria experiência.

Para Dina, a resposta foi mais mista. Ela viu isso como especialmente útil para outras freiras, seminaristas ou outros homens que foram abusados. E para pessoas que têm uma fé forte e uma forte conexão com Jesus. No entanto, ao falar sobre sua própria situação, Dina disse que em um momento anterior isso a teria ajudado a resistir à culpa ou à culpabilização, mas ela não luta mais com isso. “Acho que a ideia teria sido muito útil para mim naquela época. Agora sinto que não faz diferença para mim. Percebi que não foi minha culpa e se Jesus foi abusado ou não, não faz diferença. Teria feito uma grande diferença naquela época”.

Lucia não viu isso como útil, pelo menos não no momento. Ela também duvidou que seria útil para a rede de sobreviventes de abuso na igreja à qual ela pertence. Ela descreveu a lacuna entre a atual perspectiva de fé dessas pessoas e o que elas acreditavam antes ser “um enorme abismo”. Em vista disso, ela disse: “Neste estágio, acho que ninguém será tocado, ou não acho que essa ideia as ajudará em seu processo de cura”. Em vez disso, ela sugere: “Precisamos reler e reinterpretar nossa própria história”.

As diferentes respostas a esta pergunta refletem as diferentes maneiras como as sobreviventes respondem à sua experiência e o que cada uma acha significativo. Para resumir, Franca, Lilian e Maria disseram que a ideia de Jesus como vítima de abuso sexual foi útil para elas. Dina disse que teria sido muito útil no passado, mas que ela não precisa disso agora. Lucia disse



que não achou útil, e nem viu como provável que fosse útil para as sobreviventes com quem trabalha.

Significado para a Igreja no sentido amplo

O conjunto final de perguntas era sobre o significado desta leitura para as outras pessoas. O foco desta área final de perguntas era se as participantes sentiam que era útil para a igreja mais ampla, em vez de para outras pessoas sobreviventes.¹⁶ É impressionante que todas as nossas participantes indicaram que ver Jesus como uma vítima de abuso sexual seria positivo para a Igreja de forma geral. Até mesmo Lúcia, que não achou a ideia útil para si mesma e duvidou de sua relevância para a rede de sobreviventes que ela conhecia, disse: “Para a Igreja, é claro. Porque pode ser um tópico que geralmente é silenciado. Seria como um alerta [...] Imagine uma oração dizendo: ‘Senhor, você que foi manipulado em sua própria sexualidade, proteja-nos’ [...] Acho que seria muito útil”.

Franca disse: “Seria bom se essa ideia fosse mais valorizada e publicada na educação teológica e exegeticamente”. Ela sugeriu que isso poderia provocar uma resposta mais compassiva e ajudar a lidar com a culpa deslocada.

E também poderia, talvez, convencer os membros da hierarquia da Igreja de que as vítimas não são culpáveis. Talvez essa ideia também ajudasse a combater a tendência sempre presente da hierarquia de enterrar todos esses abusos em silêncio? E ajudaria o "bom povo cristão", chocado com essas revelações que provavelmente prejudicariam a imagem da Igreja, a caminhar em direção à verdade que sozinha pode nos libertar. Também poderia ser um incentivo para os membros da Igreja levarem a sério o sofrimento das vítimas.

Maria sugeriu que reconhecer Jesus como vítima de abuso sexual pode ter ainda mais valor para a Igreja em geral do que para as pessoas sobreviventes:

Acho que seria mais útil para aquelas pessoas que não foram vítimas. Acho que há uma cultura dentro da Igreja e, também, em toda a sociedade que falha em reconhecer vítimas de abuso sexual como vítimas. Acho que se as pessoas da Igreja identificassem Jesus como uma vítima de abuso, elas seriam mais capazes de ver Jesus naquelas que são vítimas e nos amariam mais [chorando].

¹⁶ Não queríamos pedir às nossas participantes que falassem por outras pessoas sobreviventes, pois isso colocaria um fardo irrazoável sobre elas. No entanto, em resposta à pergunta anterior sobre sua própria experiência como sobreviventes, algumas delas também comentaram se a viam como útil ou inútil para outras sobreviventes. Essas respostas foram incluídas na seção anterior.



Ela descreveu os danos adicionais às sobreviventes que advêm das atitudes negativas na Igreja.

Eu vejo coisas tão horríveis. Essa falta de identificação com as vítimas por parte do clero, padres e bispos é tão dolorosa. Eles se identificam mais com os perpetradores. Muitos dos perpetradores foram padres e os padres são ‘outros Cristos’. Mas se você vê Cristo sob essa luz, como uma vítima, seria mais fácil para eles se sentirem solidários com as vítimas, serem mais compreensivos e estarem do lado delas.

Dina concordou que isso poderia fazer uma diferença positiva para a Igreja. No entanto, ela viu alguns riscos em como isso poderia ser apropriado pelos líderes da Igreja:

Eu vejo um perigo aqui. Sim, seria bom se a Igreja de forma geral assumisse essa ideia. Mas, por outro lado, vejo que se os líderes da Igreja (que vêm encobrindo abusos há tanto tempo) se apropriarem do conceito de que Jesus foi vítima de abuso sexual e pregarem sobre isso, o perigo é que eles poderiam usá-lo como uma forma de silenciar ainda mais as vítimas: por exemplo, como dizer que Jesus foi a vítima perfeita. Talvez haja o risco de que os líderes da Igreja desvalorizem as histórias das sobreviventes com o ícone de Jesus como vítima de abuso sexual. Isso pode acontecer.

Para combater este risco, ela sugeriu que as pessoas sobreviventes, e não a Igreja, deveriam assumir a liderança na definição do caminho a seguir: “Eu preferiria que as sobreviventes individuais se apropriassem primeiro desta imagem de uma vítima de abuso sexual, que a assumissem e depois a levassem à Igreja”.

Lilian também concordou que isso poderia ajudar a Igreja, porque “se a Igreja vê Jesus como uma vítima, as pessoas teriam simpatia por aquelas que são vítimas”. No entanto, como Dina, ela alertou que isso também envolve perigos e riscos. Lilian enfatizou a necessidade de muito cuidado ao levantar a ideia com as vítimas.

Para resumir, a primeira área de questionamento perguntou se as participantes tinham feito uma identificação com o sofrimento de Jesus na época do abuso, ou depois. Quatro das participantes fizeram alguma forma de conexão e uma não. Para duas das participantes a conexão foi útil, para uma foi mista, e para uma foi negativa. A segunda área foi se a leitura de Jesus como vítima de abuso sexual era nova para as participantes, como elas viam a evidência, e como elas respondiam a essa leitura. A ideia era nova para elas, com uma exceção. A evidência histórica pareceu persuasiva para todas as participantes. Ela provocou uma gama de respostas emocionais, incluindo empatia por Jesus. A terceira área foi o significado que elas viam na ideia para si mesmas como sobreviventes, e se era útil ou inútil. Três das participantes viram a ideia como útil para elas. Uma respondeu que teria sido muito útil para ela quando ela foi abusada, mas fez pouca diferença



agora. Uma afirmou que não foi pessoalmente útil para ela e ela também não viu como provável que fosse útil para as sobreviventes com quem ela trabalha. Todas as participantes disseram que era significativo para a Igreja e oferecia uma oportunidade de mudança positiva, embora com alguns riscos e perigos.

Discussão

As entrevistas oferecem perspectivas de sobreviventes sobre como o reconhecimento de Jesus como vítima de abuso sexual pode ajudar a Igreja a desenvolver sua abordagem pastoral. Não é possível discutir longamente todas as questões que as participantes abordam, mas focar em como reconhecer Jesus como inocente pode ajudar a lidar com a culpabilização da vítima.

Lilian e Maria indicaram que a inocência de Jesus era importante para elas. Ela reafirmou e reforçou sua própria inocência. Da mesma forma, Dina disse: “Jesus como vítima de abuso sexual deixa totalmente claro que uma vítima é inocente”. Além disso, Dina sugeriu que culpar a vítima pode ajudar a explicar o silêncio generalizado sobre a própria experiência de Jesus. Ela parece sugerir que, na visão convencional, Jesus não pode ser nomeado porque ele não pode ser culpado. A consequência disso é que o abuso sexual de Jesus não foi nomeado e as narrativas foram distorcidas. O comentário de Dina sugere que há muito mais em jogo na inocência de Jesus do que pode parecer à primeira vista. O reconhecimento ou negação de Jesus como vítima está conectado a suposições culturais profundamente arraigadas sobre culpabilização, vergonha, culpa, inocência, pureza, bem como masculinidade, poder, vulnerabilidade e integridade corporal.¹⁷ O reconhecimento de Jesus como vítima de abuso sexual provavelmente exigirá uma reformulação radical de atitudes, em vez de apenas um pequeno ajuste. Isso torna a nomeação de Jesus como vítima ainda mais importante, especialmente para a Igreja no sentido amplo.

Uma reação comum à sugestão de que Jesus foi vítima de abuso sexual é assumir que, se isso fosse verdade, então Jesus seria inevitavelmente menos digno e menos puro. A implicação dessa linha de pensamento é que isso entraria em conflito com seu status de salvador. É visto como ofensivo, até mesmo blasfemo, falar de Jesus como vítima de abuso sexual. Uma das conversas críticas que o reconhecimento de Jesus como vítima de abuso sexual deve, portanto, abrir é em

¹⁷ BROWNMILER, Susan. *Against Our Will: Men, Women and Rape*. New York: Simon and Schuster, 1975.



torno de atitudes negativas generalizadas em relação às pessoas sobreviventes. Essas atitudes estão próximas da superfície em muitas igrejas, mas raramente são nomeadas ou examinadas criticamente. Pelo contrário, elas são frequentemente negadas ou rejeitadas se forem consideradas no abstrato. Portanto, elas permanecem ocultas na maior parte do tempo. Elas geralmente podem ficar abaixo da superfície, mas prontamente emergem como uma reação que rejeita a alegação de que Jesus foi abusado sexualmente como auto evidentemente ofensiva.

A experiência de Jesus pode desempenhar um papel crucial na exposição dessas dinâmicas. A resistência dentro das igrejas em ver Jesus como uma vítima de abuso sexual reflete a confusão que ainda existe dentro das igrejas e dentro da sociedade em geral sobre onde a culpa deve recair em relação ao abuso sexual. Uma prioridade urgente para a Igreja, pois busca afirmar a dignidade irreduzível de todas as pessoas.

A inocência de Jesus pode, portanto, fortalecer as pessoas sobreviventes quando elas encontram respostas negativas e críticas de outras pessoas, ou experimentam baixa autoestima ou auto culpa. Claro, a inocência das vítimas deve ser reconhecida em seus próprios termos, sem necessidade de mais nada a ser dito. No entanto, dentro da Igreja, a experiência de Jesus pode apoiar ainda mais essa verdade. Dizer que a inocência de Jesus pode fazer a diferença não é sugerir que a inocência das sobreviventes só pode ser reconhecida à luz da inocência de Jesus. A inocência das sobreviventes é algo que a Igreja já deveria abraçar totalmente, e declarações públicas são frequentemente feitas nesse sentido. No entanto, embora articular a inocência das sobreviventes não deva ser novo ou necessário, conectar a inocência das sobreviventes à inocência de Jesus pode tornar a inocência de ambos mais significativa para algumas pessoas na igreja. Além disso, oferece uma visão sobre como a culpabilização da vítima pode minar o senso de identidade de uma sobrevivente, embora a culpa esteja obviamente deslocada. Uma declaração clara e incontestada de inocência pode ser um apoio importante para reforçar a verdade.

Conclusão

Mais trabalho precisa ser feito sobre como a experiência de abuso de Jesus pode ajudar mais as sobreviventes, mas há várias direções sugeridas aqui. Todas as participantes concordaram que reconhecer Jesus como vítima de abuso sexual deve ser uma preocupação de toda a Igreja e não apenas das pessoas sobreviventes. Além disso, as participantes alertaram contra uma série de riscos



e perigos que precisam ser evitados. Em particular, elas alertaram contra a apropriação superficial da experiência de Jesus para desviar a atenção ou minar a experiência vivida de abuso. Significativamente, a inocência de Jesus pode oferecer um recurso para resistir à auto culpabilização e confrontar a culpabilização da vítima por outras pessoas. Pode expor e desafiar atitudes de culpabilização da vítima na Igreja no sentido amplo que continuam a moldar as vidas das pessoas sobreviventes muitos anos após o abuso ter terminado.

Referências

- ANJOS, Márvio dos. Corpo, cruz e abuso. *Folha de São Paulo*. 10 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/04/jesus-sofreu-abuso-sexual-antes-de-ser-crucificado-defende-teologo.shtml>.
- ASSOCIATED PRESS. Pope acknowledges scandal of priests sexually abusing nuns. *The Guardian*. 5 fev. 2019. Disponível em: www.theguardian.com/world/2019/feb/05/pope-francis-acknowledges-scandal-of-priests-sexually-abusing-nuns.
- BROWNMILER, Susan. *Against Our Will: Men, Women and Rape*. New York: Simon and Schuster, 1975.
- GAFNEY, Wil. Crucifixion and Sexual Violence. *HuffPost*. 28 mar. 2013.
- HEATH, Elaine A. *We Were the Least of These: Reading the Bible with Survivors of Sexual Abuse*. Grand Rapids: Brazos, 2011.
- LEMBO, Makatamine. *Relations Pastorales Saines et Matures entre Femmes Consacrées et Prêtres: Un Analyse Qualitative de cas d'abus de femmes consacrées par des prêtres*. Rome: Gregorian Pontifical University, 2019.
- REAVES, Jayme R.; TOMBS, David. #MeToo Jesus: Naming Jesus as a Victim of Sexual Abuse. *International Journal for Public Theology*, v. 13, n. 4, p. 387-412, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/15697320-12341588>.
- TOMBS, David John; ALVEAR, Rocío Figueroa. *Escuchando a sobrevivientes masculinos de abuso sexual en la Iglesia: Voces de sobrevivientes de abusos del Sodalicio en el Perú*. Dunedin: Centro de Teología y Asuntos Públicos; Universidad de Otago, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10523/7053>.



TOMBS, David John; ALVEAR, Rocío Figueroa. *Reconociendo a Jesús como víctima de abuso sexual: respuestas de sobrevivientes del Sodalicio en el Perú*. Dunedin: Centro de Teología y Asuntos Públicos; Universidad de Otago, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10523/9222>.

TOMBS, David John; ALVEAR, Rocío Figueroa. Seeing His Innocence, I See My Innocence. In: TOMBS, David John; ALVEAR, Rocío Figueroa; REAVES, Jayme R. (Eds.). *When Did We See You Naked? Acknowledging Jesus as a Victim of Sexual Abuse*. London: SCM Press, 2021. p. 287-312.

TOMBS, David John. Crucificação e abuso sexual. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 59, n. 1, p. 119-132, 2019. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/338/284>.

TOMBS, David. *Crucifixion and Sexual Abuse*. Dunedin: Centre for Theology and Public Issues; University of Otago, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10523/9834> (English); Disponível em: <http://hdl.handle.net/10523/9843> (Spanish); Disponível em: <http://hdl.handle.net/10523/9846> (French); Disponível em: <http://hdl.handle.net/10523/9924> (German).

TRAINOR, Michael. *The Body of Jesus and Sexual Abuse: How the Gospel Passion Narrative Informs a Pastoral Approach*. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2014.

WILLIAMS, Joyce E. Secondary Victimization: Confronting Public Attitudes about Rape. *Victimology*, v. 9, p. 66-81, 1984.

WILLIAMS, Joyce E.; HOLMES, Karen A. *The Second Assault: Rape and Public Attitudes*. Westport: Greenwood Press, 1981.